

RASTROS DA GUERRA 3 – A GUERRA DIMENSIONAL: possível eixo doutrinário para o preparo de Forças Armadas

*Nossas dúvidas são traidoras e nos fazem perder o que, com
frequência, poderíamos ganhar, por simples medo de arriscar.*

William Shakespeare

ALEXANDRE LUIZ ALVES DA SILVA*
Capitão de Mar e Guerra (FN)

SUMÁRIO

Introdução
Riscos x Ameaças
Guerras Contemporâneas
Guerra Dimensional
Um caminhar de volta às origens
Conclusão

INTRODUÇÃO

Quando tive a oportunidade de ler *O Choque de Civilizações*, livro de Samuel P. Huntington, logo após o ataque do dia 11 de setembro contra as Torres Gêmeas, nos Estados Unidos da América (EUA), e observar como foi a reação americana no Afeganistão, tive a percepção: o ano de 2001 poderia ser

o marco do aflorar de uma nova era na história das guerras e, quem sabe, da humanidade, semelhante ao que ocorreu em 1453, com a queda de Constantinopla e o início da Idade Moderna, e em 1789, quando a Revolução Francesa definiu o começo da Idade Contemporânea.

Este marcante evento apresentaria ao mundo um novo modelo de guerra, em que não estariam em confronto apenas unida-

* Doutor e mestre em Ciências Navais pela Escola de Guerra Naval. Foi docente e pesquisador convidado pela Escuela Superior de Guerra General Rafael Reyes Prieto, Colômbia, no período 2022-2024. Possui os cursos de Operações Especiais, Comandos Anfíbios, Paraquedista Militar e Operações na Selva. Atuou 28 anos em unidades de ensino e operacionais no Corpo de Fuzileiros Navais (CFN).

des políticas, ou seja, dois ou mais Estados, como foi firmado no Tratado de Vestfália¹ de 1648. Além disso, se observarmos o modelo teórico definido por Clausewitz em seu livro *Da Guerra*, publicado em 1832, o que passou a ocorrer após 2001 foi provocativo, pois não encontrava base nas teses conhecidas, todas referências para o que ficou conhecido como os “Princípios Imutáveis da Guerra”².

Havia uma revolução em andamento, devido a riscos ou ameaças que se tornaram realidades por conta de questões civilizatórias/religiosas, e aceleradas revoluções nos campos tecnológico e psicossocial, que possibilitaram a realização de outros tipos de ações no Teatro de Operações (TO) que influenciariam na condução e, possivelmente, no resultado da guerra.

Por que evoluções? Em uma linha do tempo, ao iluminarmos importantes períodos de conflito vivenciados pela humanidade, nas guerras napoleônicas, consideradas academicamente como de Primeira Geração, estavam presentes linhas de combate, manobras militares a pé, combates corpo a corpo e reduzido alcance das armas de fogo. Na Primeira Guerra Mundial (IGM), exemplo da Segunda Geração, a partir do surgimento de algumas tecnologias, tais como carros de combate, metralhadoras automáticas e aviões, optou-se pelo uso intenso de poder de fogo, ocorrendo uma autêntica “Revolução Militar”, que seria entendida por Telo como “um processo importante de mudança qualitativa na atividade militar num sentido lato, em que se inclui nomeadamente a ligação entre o militar

e a sociedade. Estes processos têm um ritmo histórico, ou seja, duram pelo menos décadas e não meramente meses ou anos” (TELO, 2002, p. 216)³, e provocam um impacto na sociedade mundial. Até aquele momento, era notável em ambas as gerações uma “guerra” percebida como sendo de atrito.

Na Segunda Guerra Mundial (IIGM), os alemães inovaram, somando poder de fogo e intensidade no movimento de seus exércitos. Os territórios considerados inimigos foram invadidos por tropas aerotransportadas e terrestres, estas blindadas e com grande mobilidade, não importando a linearidade das tropas adversárias no TO, características das duas gerações anteriores. Eram definidos os Centros de Gravidade do inimigo, que poderiam ser os comandos de forças militares, a população, a infraestrutura de transporte, a logística de sustentação ou os líderes políticos, e buscava-se conquistá-los ou neutralizá-los o mais rápido possível. A este tipo de guerra deu-se o nome de Guerra de Manobra, marcando o início das Guerras de Terceira Geração. Os americanos, na Segunda Guerra do Golfo (IIGG), em 2003, quase 60 anos depois, ao invadirem o Iraque, ainda adotaram o mesmo modelo de guerra. Assim, desde o Tratado de Vestfália, de 1648, com algumas exceções, observávamos Estados em combates fazendo uso de seu poderio militar para impor suas vontades a outros Estados, cumprindo o delineado no modelo teórico elaborado por Clausewitz.

No entanto, uma das exceções percebidas após a IIGM foi o modo como se

1 “Paz de Vestfália”. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Paz_de_Vestf%C3%A1lia. Acesso em: 3 set. 2023.

2 “Princípios da guerra”. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Princ%C3%ADpios_da_guerra. Acesso em: 3 set. 2023.

3 “Reflexões sobre a Revolução Militar em Curso”. Disponível em: https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/1275/1/NeD103_AntonioJoseTelo.pdf. p.216. Acesso em: 3 set. 2023.

desenvolveu a Guerra do Vietnã⁴ (1955-1975). Houve emprego de táticas de guerrilha, causando inúmeras baixas na tropa americana; boa parte da população local se integrou aos combatentes, provocando baixas e desinformação na tropa inimiga no TO, além de ter ocorrido uma intensa exploração por parte da mídia global, difundindo narrativas para o mundo sobre o que acontecia no terreno, por conta do acompanhamento quase instantâneo das ações. Ou seja, olhando do momento atual para o ocorrido no Vietnã, apreende-se que estavam presentes algumas situações poucos existentes em guerras anteriores que não se coadunavam com os modelos de Clausewitz e o Vestfaliano.

No início do século XXI ocorreria uma mudança fundamental no modo de “fazer” guerra a partir do momento em que a Al-Qaeda⁵, uma organização terrorista, considerada um risco desafiador apenas regional, tornou-se uma ameaça global ao obter sucesso no seu ataque aos solos americanos. Poucos dias depois, os EUA entraram no Afeganistão, iniciando suas ações a partir da infiltração de pessoal da Agência Central de Inteligência e de Forças Especiais. O propósito era encontrar, combater e eliminar integrantes da organização e suas lideranças, utilizando métodos não convencionais. A reação americana apontava para algo diferente no cenário político-estratégico-militar, pois teríamos um Estado combatendo abertamente um grupo terrorista dentro de outro Estado.

Tendo esse ataque em 2001 como referência, se observarmos o ocorrido na Estônia em 2007, quando assistimos a um impressionante ataque cibernético

paralisando o país, e, posteriormente, na Geórgia, em 2008, e na Crimeia, em 2014, quando a Rússia implementou inúmeras ações não militares antes de empregar oficialmente suas Forças Armadas (FA), percebe-se que um novo modelo de guerra estava sendo fomentado. Já na Ucrânia, em 2022, ocorreria algo diferente. Observou-se uma impressionante velocidade inicial das tropas russas alcançando as bordas de Kiev, capital do país. Claramente foi utilizada a guerra de manobra. No entanto, após alguns meses, a tropa russa estacionou no terreno, recuou e abandonou várias posições. Qual teria sido o motivo? Na minha percepção, esse recuo ocorreu devido a riscos e ameaças pela Ucrânia, que desestabilizaram as tropas russas no terreno.

No início de setembro de 2023, momento em que iniciei as pesquisas para este artigo, não havia indícios de que mais uma guerra estava para ser iniciada. No entanto, no dia 7 de outubro, foram realizados diversos ataques do grupo Hamas contra o Estado de Israel, provocando a morte instantânea de cerca de 1.400 israelenses e o sequestro de muitos outros. Pouco dias depois, Israel entraria na Faixa de Gaza com o firme propósito de combater o Hamas e eliminar seus integrantes, ação que ainda está em curso. Sendo assim, mais uma vez, enquanto finalizo este artigo, outra guerra está em andamento e, novamente, de um Estado contra um grupo terrorista não estatal.

Desta forma, para reflexão, poderíamos sugerir que o ataque em 2001 contra os EUA e a reação americana teriam marcado o nascer de uma nova era? Talvez os historiadores encontrem a resposta no

4 “Guerra do Vietnã”. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra_do_Vietn%C3%A3. Acesso em: 3 set. 2023.

5 “Al-Qaeda”. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Al-Qaeda>. Acesso em: 3 set. 2023.

futuro. Neste momento, ao observarmos o artigo escrito e publicado originalmente por William S. Lind na *Military Review*, em 1989, “The changing face of war: into the fourth generation”⁶, questiono-me o seguinte: o ocorrido em 2001 nos EUA e os casos Estônia, Geórgia, Crimeia e Ucrânia estariam inseridos no escopo de um novo modelo de fazer guerra em reação a riscos e ameaças que se tornaram realidades? Se sim, o melhor modelo de reação seria realizar uma guerra de manobra com adaptações, uma guerra híbrida ou outro modelo?

Neste contexto, este artigo tentará responder a esta última questão pontuando, em uma primeira seção, as diferenças entre riscos e ameaças; na segunda, alguns elementos que estão presentes na guerra de manobra e na guerra híbrida; na terceira seção, uma percepção sobre o que entendo como o modelo de guerra que está em curso, denominado guerra dimensional; e na quarta, em função do modelo sugerido, e aproveitando a construção do conceito, pontuarei algumas percepções sobre o que entendo como sendo o eixo estruturante de preparo individual e de uma força para o atual momento, finalizando com uma breve conclusão.

RISCOS x AMEAÇAS

Riscos e ameaças são termos com definição distinta. De acordo com o Glossário das Forças Armadas do Brasil:

Risco seria uma quantificação da insegurança, por meio da combinação

da probabilidade, com a gravidade de ocorrência de um evento; enquanto Ameaça é qualquer conjunção de atores, entidades ou forças, com intenção e capacidade de, explorando deficiências e vulnerabilidades, realizar ação hostil contra o país e seus interesses nacionais, com possibilidades de causar danos ou comprometer a sociedade nacional (a população e seus valores materiais e culturais) e seu patrimônio (território, instalações, áreas sob jurisdição nacional e o conjunto das informações de seu interesse). Ameaças ao país e a seus interesses nacionais também podem ocorrer na forma de eventos não intencionais (naturais ou provocados pelo homem). (BRASIL, 2015, pp. 27 e 283)

Enquanto os riscos, e aqui incluo os desafiadores globais, são percebidos apenas como uma probabilidade de ocorrer, as ameaças são percebidas como ações que precisam ser evitadas ou combatidas. Desta forma, serão elencados nesta seção alguns riscos globais desafiadores e algumas ameaças.

Riscos Globais Desafiadores

Risco global é a possibilidade de ocorrência de um evento ou condição que, se concretizada, impactaria negativamente uma significativa proporção do Produto Interno Bruto (PIB) global, população ou recursos naturais (*The Global Risks Report*⁷ 2023, 18th Edition, p. 5). Poderíamos citar, como exemplo, uso de

6 Em tradução livre: “A face mutável da guerra: na quarta geração”. Disponível em: <https://ia802503.us.archive.org/6/items/the-fourth-generation-warfare/The%20Changing%20Face%20of%20War%20-%20Into%20the%20Fourth%20Generation.pdf>. Acesso em: 4 set. 2023.

7 Relatório de Riscos Globais 2023. Disponível em: <https://www.weforum.org/publications/global-risks-report-2023/>. Acesso em: 4 set. 2023.

armas estratégicas e de destruição em massa; incidentes de dano ambiental em larga escala; instabilidades econômicas; e insegurança sanitária, todos desafiadores para a humanidade.

Uso de Armas Estratégicas e de Destruição em Massa

Poucos países têm sob controle armas nucleares, todavia, à semelhança do que ocorreu em 1962, quando EUA e União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) estiveram muito próximos de uma guerra nuclear, a situação global atual aponta para um maior cuidado sobre esse material. No momento, Rússia e Ucrânia estão em guerra, e autoridades russas já mencionaram em mais de uma ocasião que não poderiam descartar o uso de armas nucleares estratégicas⁸, caso a Ucrânia cruzasse determinadas “linhas vermelhas”. Recentemente, a Rússia abandonou o tratado sobre controle de ogivas e testes nucleares firmado em 2010 e testou, em outubro de 2023⁹, um míssil nuclear, mostrando que está pronta para qualquer eventualidade. A Coreia do Norte é um risco permanente, pois possui armas nucleares e realiza

constantes testes, lançando mísseis¹⁰ que sobrevoam espaços aéreos de países do seu entorno estratégico. O Paquistão e a Índia são países que se declararam inimigos e possuem armas nucleares¹¹ e uma fronteira onde houve combates recentes,¹² com inúmeras perdas. Desta forma, entende-se que o uso de armas estratégicas e de destruição em massa seja atualmente o principal risco global, sendo um desafio permanente para os países detentores manter o controle sobre o arsenal hoje existente.

Incidentes de Dano Ambiental em Larga Escala

A natureza através dos séculos mostrou-se impiedosa quando desafiada. Em inúmeras

ocasiões, foi a que mais matou na história, por meio de tsunâmis, furacões, tornados, terremotos, inundações, vírus e pragas que mataram milhões de pessoas. Nos últimos anos, ela, a natureza, tem emitido sinais de que precisa de um melhor cuidado. Em várias regiões do mundo, alguns desastres ocorrem repetidas vezes, e muitos governos não têm condições de reagir.

Nestes momentos, observa-se que FA e organismos internacionais tendem a entrar em ação. No Caribe, por exemplo, todo

O uso de armas estratégicas e de destruição em massa é atualmente o principal risco global

8 “Armas nucleares podem ser usadas na Ucrânia, diz autoridade russa”. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/armas-nucleares-podem-ser-usadas-na-ucrania-diz-autoridade-russa/>. Acesso em: 4 set. 2023.

9 “Putin diz que Rússia testou arma nuclear de nova geração”. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2023/10/05/putin-diz-que-russia-testou-arma-nuclear-de-nova-geracao.ghtml>. Acesso em: 4 set. 2023.

10 “EUA consideram provável novo teste nuclear da Coreia do Norte”. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2023/07/16/eua-consideram-provavel-novo-teste-nuclear-da-coreia-do-norte.ghtml>. Acesso em: 4 set. 2023.

11 “O jogo estratégico nuclear: Índia x Paquistão”. Disponível em: <https://bdex.eb.mil.br/jspui/bitstream/123456789/3742/1/MO%205916%20-%20JORNADA.pdf>. Acesso em: 4 set. 2023.

12 “Guerra de Cargil”. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra_de_Cargil. Acesso em: 4 set. 2023.

ano ocorre a formação de furacões que provocam inúmeras perdas. As pessoas que moram na região e no seu entorno sabem desse perigo, e, apesar de existir um preparo prévio em alguns países por conta da existência de institutos de prevenção¹³, em outros, por conta das precárias condições, elas aparentam, quase sempre, serem “pegas de surpresa” e necessitam de auxílio.

Aproximadamente uma dúzia de tempestades tropicais ameaçam as ilhas do Caribe todos os anos durante a temporada de furacões no Atlântico, que vai de 1º de junho a 30 de novembro. Tempestades anteriores deixaram milhares de pessoas sem eletricidade, destruíram casas e até causaram mortes. (SHARE AMERICA, 2021, par. 3)¹⁴

A ocorrência de terremotos se mostra diferente da dos furacões no Caribe. No entanto, quando terremotos acontecem, a quantidade de pessoas atingidas também costuma ser elevada. Apesar de existirem institutos¹⁵ que monitoram o movimento sísmico das placas tectônicas, em algumas ocasiões surpresas ocorrem. Em 2010, no Haiti, isto aconteceu. Um terremoto inesperado provocou uma onda de destruição de grandes proporções. O país não estava preparado, e o número de mortes e a destruição da capital, Porto Príncipe, foram enormes. A consequência foi muitas pessoas mortas e outras querendo sair da ilha, provocando um trabalho intenso do governo e de

organismos internacionais que já estavam presentes no país integrando a Missão das Nações Unidas para a Estabilização no Haiti (Minustah)¹⁶. Nestas situações, FA estrangeiras e organismos internacionais podem ser (e são) solicitados por qualquer país afetado a fim de garantir o funcionamento do governo e para manter a lei e a ordem.

Instabilidades Econômicas

Certamente a economia, ao longo dos séculos, sempre esteve presente nas discussões de alto nível. Um país estando “saudável” economicamente terá a possibilidade de construir boas políticas públicas para sua população. Todavia alguns países viveram, e outros ainda vivem, riscos, tais como instabilidades econômicas permanentes¹⁷ por péssimas escolhas de seus governantes ou em decorrência de atividades regulatórias externas. As consequências normalmente não são imediatas, no entanto, em virtude da demora em encontrar possíveis soluções, pode ocorrer interrupção de projetos ou programas importantes, provocando distúrbios internos e instabilidade política e social.

Esta situação, quando se configura, abre a possibilidade de acontecer quebra da ordem social e o estabelecimento de um contexto em que podem ser necessárias medidas como intervenções lideradas por organismos internacionais com participação de FA de outros países. Os anos de 1929, com a quebra da bolsa de Nova

13 “Centro Nacional de Furacões”. Disponível em: <https://www.nhc.noaa.gov/>. Acesso em: 4 set. 2023.

14 “Previsões de furacões no Caribe podem salvar vidas”. Disponível em: <https://share.america.gov/pt-br/previsoes-de-furacoes-no-caribe-podem-salvar-vidas/>. Acesso em: 5 set. 2023.

15 “Listas, mapas e estatísticas”. Disponível em: <https://www.usgs.gov/programs/earthquake-hazards/lists-maps-and-statistics>. Acesso em: 5 set. 2023.

16 “Missão de Estabilização das Nações Unidas no Haiti”. Disponível em: <https://peacekeeping.un.org/en/mission/minustah>. Acesso em: 5 set. 2023.

17 “Balance Preliminar de las Economías de América Latina y el Caribe 2022”. Disponível em: <https://www.cepal.org/es/publicaciones/48574-balance-preliminar-economias-america-latina-caribe-2022>. Acesso em: 5 set. 2023.

York¹⁸ (HELLER, 2010), de 1973, com a crise do petróleo¹⁹, e 2008, devido à crise do *subprime*²⁰ (BORÇA JUNIOR, 2008), citando apenas estes três exemplos, marcaram momentos terríveis para a economia de inúmeros países. Como consequências ocorreram perda de empregos, quebra da economia e, no seu extremo, guerras.

Insegurança Sanitária

Outro risco possível é a existência de insegurança sanitária, por conta do transporte de mercadorias ou de pessoas infectadas entre países. Esse movimento, por vezes indiscriminado e sem controle, pode espalhar doenças entre humanos, animais ou mesmo em alimentos vegetais, possibilitando a ocorrência de pandemias com consequências humanitárias catastróficas. Existe, ainda, a possibilidade de disseminações de enfermidades decorrentes de guerras biológicas quando há conflitos entre estados, ações terroristas ou disputas comerciais.

A pandemia da Covid, que teve início em 2019 na China, desencadeou uma série de medidas restritivas visando conter a propagação do vírus. Aeroportos e portos foram fechados e estradas e corredores fluviais tiveram um aumento substancial no controle de pessoal e material. Essas situações, as pandemias, por serem ino-

pinadas e extraordinárias, demandam um planejamento prévio a fim de identificar vulnerabilidades, criar métodos de prevenção e agir quando e onde for necessário. Desta forma, faz-se necessário identificar o problema e realizar planejamentos com atuação conjunta entre países, para controle ou total fechamento de aeroportos, de portos, de rodovias e ferrovias, além do estabelecimento de medidas restritivas que evitem o movimento desnecessário da população.

Conclui-se, desta forma, que os riscos, caso ocorram de forma linear ou complementar, poderiam provocar sérias consequências, como a ocorrência de insegurança sanitária global, causando

instabilidades socioeconômicas, assim como incidentes de dano ambiental em larga escala. Estes contextos influenciam sobremaneira o entorno estratégico de todos os países e

servem como fomentadores de atividades que visam antecipar problemas e testar possíveis soluções. Nessas situações, a atuação das FA, normalmente por estas terem maior capilaridade e melhor preparo mental e físico, em virtude do permanente treinamento, torna-se fundamental.

Ameaças

As ameaças se apresentam de uma forma diferente dos riscos e, nos dias atu-

As ameaças se apresentam de uma forma diferente dos riscos, mesclando ações militares e não militares

18 “Notas Sobre as Relações entre a Quebra da Bolsa em 1929 e a Grande Depressão”. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Claudia-Heller-2/publication/215798836_Notas_Sobre_as_Relacoes_entre_a_Quebra_da_Bolsa_em_1929_e_a_Grande_Depressao/links/0a048a1e940b8f5d0dc88252/Notas-Sobre-as-Relacoes-entre-a-Quebra-da-Bolsa-em-1929-e-a-Grande-Depressao.pdf. Acesso em: 5 set. 2023.

19 “Crise petrolífera de 1973”. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Crise_petrol%C3%ADferade_1973. Acesso em: 5 set. 2023.

20 “Analisando do *Subprime*”. Disponível em: https://web.bndes.gov.br/bib/jspui/bitstream/1408/8344/1/RB%2030%20Analisando%20a%20Crise%20do%20Subprime_P_BD.pdf. Acesso em: 5 set. 2023.

ais, podem mesclar ações militares e não militares. Nos últimos anos, alguns países, tais como a Rússia e a China, parecem ter percebido que menos vidas são perdidas quando são implementadas algumas ações não militares antes do emprego da tropa no terreno. Alguns autores e organismos, tais como a Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan), estabeleceram como prioridade máxima a implementação de ações com o claro objetivo de criar mecanismos de prevenção, de domínio do conhecimento situacional, de comunicação estratégica, de combate e de rápida resposta, independente de ameaças, o que a Otan nominou como ações híbridas, que devem ser realizadas por Estados ou grupos não estatais. No entanto, cabe pontuar que

algumas formas de atuação, nominadas atualmente como híbridas, sempre estiveram presentes em conflitos no passado, com o claro objetivo de provocar nos adversários caos e instabilidade político-estratégica. Uso de sabotagem, desinformação e propaganda são algumas de muitas ações não militares. No entanto, a partir do desenvolvimento de meios de comunicação com alcance mundial e da rede da internet, o que pode ser observado é uma mudança no alcance, na intensidade e na velocidade. (OTAN, 2023, par.1)

Além dos riscos citados anteriormente, teríamos como ameaças: a utilização intensa de milícias na forma de grupos armados irregulares; o uso de comunicação global em massa e em tempo real, moldando a opinião pública; a realização de ataques cibernéticos de grandes proporções; a atuação de grupos armados que dominam

determinadas áreas dentro de alguns países, tendo como base o narcotráfico internacional, o terrorismo internacional, as guerras assimétricas, guerrilhas e forças irregulares contra um ou mais Estados; e o uso de coação alimentar ou econômica. Todas essas ameaças, sem dúvida, por escaparem das previsões iniciais de seu escopo teórico, nublam as certezas das previsões baseadas nos princípios clausewitzianos sobre como as guerras se procederiam (Pimentel, 2014, p. 176).

A Federação Russa utiliza estratégias híbridas sofisticadas, incluindo interferência política, atividades cibernéticas maliciosas, pressão e coerção econômica, subversão, agressão e anexação. A postura militar coerciva e a retórica também são utilizadas como parte das estratégias híbridas da Federação para prosseguir com os seus objetivos políticos e minar a ordem internacional baseada em regras. As operações híbridas e cibernéticas maliciosas da República Popular da China (RPC) e a sua retórica de confronto e desinformação têm como alvos os aliados e prejudicam a segurança da aliança. A RPC procura controlar os principais setores tecnológicos e industriais, infraestruturas críticas e materiais estratégicos e cadeias de abastecimento. Utiliza a sua influência econômica para criar dependências estratégicas e aumentar a sua influência. (OTAN, 2022, par.4)²¹

Ao observarmos os eventos ocorridos na Estônia em 2007, na Geórgia em 2008 e na Crimeia em 2014, podemos refletir sobre como uma ameaça se materializa na forma de ações não militares reais. Todos

21 “Combater ameaças híbridas”. Disponível em: https://www.nato.int/cps/en/natohq/topics_156338.htm. Acesso em: 6 set. 2023.

esses ataques, supostamente, teriam sido realizados pela Rússia, com o propósito de desestabilizar o governo e provocar o caos.

Na Estônia, em 2007, fruto de uma decisão do governo em alterar a posição de uma estátua que homenageava os mortos da URSS na IIGM, foi realizado um ataque cibernético²² ao seu sistema de tecnologia e informação (TIC), considerado um dos mais avançados e centralizados em redes do mundo. Por ser membro da Otan²³, quando esta teve a maior expansão, em 2004, foi iniciada uma investigação, que não conseguiu provar efetivamente a participação da Rússia. No entanto, devido ao desastre cibernético, criou-se um Centro de Excelência e Cooperação em Defesa Cibernética²⁴ em Tallin, capital da Estônia, a fim de colocar a organização em condições de se preparar, dissuadir e se defender contra estes tipos de ataques.

Na Geórgia, em 2008, em virtude de a Rússia intencionar uma ofensiva militar, foram realizados ataques virtuais²⁵ contra a infraestrutura de TIC durante um mês, ou seja, iniciou-se com um combate no campo informacional, e houve a posterior evolução para outro no campo militar. Nesse ínterim, a Geórgia não conseguiu realizar uma correta mobilização por uma total falta de comunicação com seus mais diversos meios militares, provocando um

colapso e facilitando a concretização da ocupação russa por terra.

A crise ocorrida na Crimeia²⁶ (2013-2014) foi um divisor de águas para a Otan, no que diz respeito ao necessário aperfeiçoamento e desenvolvimento de proteção contra ameaça cibernética, e serviu como um excelente estudo de caso sobre como o domínio e o controle da informação possibilitam invasão e ocupação de um território sem combates.

Em 2013, “estouraram” manifestações contra o governo constituído, que era pró-russo, ao não aderir à União Europeia²⁷. Ao se tornarem extremamente violentas, provocaram a queda do presidente da Ucrânia, Viktor Yanukovych²⁸. Interessante notar que essas manifestações teriam sido organizadas a partir de redes sociais, e a deposição, em tese, foi o estopim para o desencadeamento de uma série de reações da Rússia que culminariam com a anexação da Crimeia.

A primeira foi uma intensa campanha na mídia tradicional ucraniana visando manipular e desinformar a população sobre uma possível adesão à União Europeia. Em paralelo, grupos de *hackers* iniciaram ataques *cyber* ao governo ucraniano em todos os níveis, desfigurando *sites* da Ucrânia e da Otan. Foram criados perfis falsos visando desestabilizar

22 “Como as ameaças russas fizeram da Estônia um país especialista em cibersegurança”. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/economia/como-as-ameacas-russas-fizeram-da-estonia-um-pais-em-especialista-ciberseguranca/>. Acesso em: 5 set. 2023.

23 “Maior expansão na história da Otan”. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/major-expans%C3%A3o-na-hist%C3%B3ria-da-otan/a-1152213>. Acesso em: 5 set. 2023.

24 “O Centro Cooperativo de Excelência em Defesa Cibernética da Otan é um centro multinacional e interdisciplinar de defesa cibernética”. Disponível em: <https://cedcoe.org/>. Acesso em: 5 set. 2023.

25 “Análise da Campanha Cibernética da Rússia Contra a Geórgia, em 2008”. Disponível em: <https://www.armyupress.army.mil/Journals/Edicao-Brasileira/Artigos-em-Destaque/2019/Analise-da-Campanha-Cibernetica-da-Russia-Contra-a-Georgia-em-2008/>. Acesso em: set. 2023.

26 “Crise da Crimeia de 2014”. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Crise_da_Crimeia_de_2014. Acesso em: 5 set. 2023.

27 “Entenda a crise na Crimeia”. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2014/03/entenda-crise-na-crimea.html>. Acesso em: 5 set. 2023.

28 “Viktor Yanukovych”. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Viktor_Ianukovytsch. Acesso em: 5 set. 2023.

unidades das FA ucranianas, por meio do uso de contas em redes para espalhar *fake news*. Os russos realizaram gravações não autorizadas de autoridades da Ucrânia e da União Europeia, vazando para a população, assim como pesquisas por meio de entrevistas, comícios de referendo e reuniões pró-Rússia. Também houve uma intensa distribuição de cartazes, panfletos, folhetos e mensagens de texto por toda a Ucrânia. Em seguida, houve uma série de ataques às comunicações de alto nível das FA ucranianas mediante interferência em seus equipamentos, rádios e torres de comunicação por celulares.

O Presidente Putin, quando questionado, negou qualquer envolvimento direto no conflito ou controle sobre tais indivíduos. Nesse sentido, ele reforçou algumas ideias-força da comunicação estratégica russa, tais como “os soldados da Crimeia entregaram voluntariamente as armas e pronunciaram sua lealdade à Rússia”. (KOFMAN *et al.*, 2017, p. 79)

Essa superioridade também garantiu que apenas informações provenientes de fontes russas estivessem disponíveis, levando uma parcela significativa da população a acolher as tropas russas. Essas atividades, aliadas a ações não letais de reconhecimento e desestabilização por forças especiais *Spetsnaz*, enfraqueceram o moral e a eficácia de combate das forças armadas ucranianas, levando à rendição de 16 mil soldados. (DERLETH, 2015, p. 5)

Após obter sucesso em suas ações não militares, a Rússia ocupou a Península da Crimeia com cerca de 30 mil soldados.

Conclui-se então que riscos existentes têm a probabilidade de ocorrer, todavia devem ser monitorados para que se tenha um correto controle, a fim de que

sejam preparadas e criadas condições de autodefesa. Com relação às ameaças, as que foram mencionadas tornaram-se realidade por meio de ações não militares e foram empregadas com o propósito de evitar que parte da população dos países-alvo tivesse a percepção de que haveria uma ação militar facilitando esta ação. A meta principal foi criar caos, desestabilizar e minar a confiança da população no governo.

GUERRAS CONTEMPORÂNEAS

Após mencionar alguns riscos e ameaças que se concretizaram na Estônia, na Geórgia e na Crimeia, provocando reações da Otan no que tange à capacidade de se prevenir, preparar-se e reagir rapidamente, faz-se necessária uma reflexão sobre qual modelo de guerra seria melhor para combatê-los nos tempos atuais. Seria por meio de uma guerra de manobra, uma guerra híbrida ou um outro modelo, o qual este autor decidiu nominar como guerra dimensional?

Responder a esta questão torna-se importante para que, a partir de um correto entendimento, sejam estabelecidos eixos estruturantes de preparo, prevenção e combate, por meio de uma rápida resposta. Desta forma, nesta seção, serão mencionadas algumas características das guerras de manobra e híbrida para que tenhamos uma percepção sobre as diferenças.

A Guerra de Manobra

Quando observamos a forma de atuação dos americanos nas duas Guerras do Golfo (1991 e 2003), ambas travadas na mesma região, Golfo Pérsico, e contra o mesmo adversário, o Iraque, percebe-se que a forma escolhida para aplicar no terreno o poder militar na primeira guer-

ra²⁹ foi diferente da aplicada na segunda³⁰. Os americanos, em 2003, utilizaram um número bem menor de militares e meios à disposição, os quais tinham grande mobilidade, flexibilidade, versatilidade e poder de fogo. Na Segunda Guerra foi utilizado o conceito no TO de “Guerra de Manobra”, e o combate ocorreu entre dois Estados constituídos.

Esta escolha aparenta ter sido feita em virtude das experiências adquiridas na IGG, quando eles aprenderam com seus próprios erros ao utilizarem uma enorme quantidade de militares e meios, mas sem a efetividade desejada; afinal de contas, apesar de o objetivo maior ter sido atingido, a desocupação do Kuwait³¹, o regime político no Iraque não sofreu danos e continuou sendo conduzido de maneira intacta. O aprendizado histórico apontou para perda de vidas, porém sem abalar o regime iraquiano, representado pela figura de Sadam Hussein³², não provocando eventuais mudanças.

No entanto este tipo de guerra, em que se explora a velocidade no movimento, não é novidade, tampouco uma criação dos EUA. Rodrigues³³ menciona que ela seria uma síntese da evolução do pensamento de vários estudiosos da arte

da guerra, pois diversos exércitos de diferentes nacionalidades empregaram com maior ou menor intensidade seus conceitos. A *blitzkrieg* alemã na IIGM, o ataque aéreo preventivo israelense na Guerra dos Seis Dias e o assalto anfíbio britânico na Guerra das Malvinas são exemplos clássicos da aplicação desse conceito (RODRIGUES, 2013, p. 16).

Penha³⁴ descreveu que, ao observarmos algumas guerras travadas na história, percebe-se que grandes líderes inovaram no campo de batalha empregando suas forças de uma forma completamente

inusitada a fim de surpreender seus adversários e vencê-los rapidamente.

O primeiro caso claramente registrado na história parece ter sido a Batalha de Leuctra, em 371 a.C. Nesta batalha, os tebanos, liderados por

Epaminondas, venceram graças a um surpreendente ataque contra o flanco direito da falange espartana. Outro grande exemplo registrado foi à vitória de Haníbal sobre os romanos em Cannae, em 216 a.C., considerada uma das mais decisivas ações táticas de todos os tempos. A história moderna oferece vários outros exemplos: Rosecranz em Chattanooga, General Grant em Vicksburg, e a

**Grandes líderes inovaram
no campo de batalha,
empregando suas forças
de forma inusitada,
surpreendendo e
vencendo adversários**

29 “Guerra do Golfo”. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra_do_Golfo. Acesso em: 6 set. 2023.

30 “Guerra do Iraque”. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra_do_Iraque. Acesso em: 6 set. 2023.

31 “Guerra do Golfo: Da Invasão do Kuwait a Tempestade no Deserto”. Disponível em: <https://www.historiaemcortes.com.br/2023/08/guerra-do-golfo.html>.

32 “Sadam Hussein”. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Saddam_Hussein. Acesso em: 6 set. 2023.

33 “É preciso “fazer” Guerra de Manobra”. Disponível em: <https://portaldeperiodicos.marinha.mil.br/index.php/ancorasefuzis/article/view/4218/4131>. Acesso em: 6 set. 2023.

34 “A Teoria da Guerra de Manobra”. Disponível em: <https://www.portaldeperiodicos.marinha.mil.br/index.php/ancorasefuzis/article/view/4696/4595>. Acesso em: 6 de set. 2023.

campanha do General Jackson durante a Guerra Civil americana; as táticas de infiltração alemã durante a Primeira Guerra Mundial (1ª GM); a *blitzkrieg* durante a Segunda Guerra Mundial (2ª GM); e os ataques do General Sharon por meio do Canal de Suez, em 1973. (PENHA, 2010, p. 21)

O que se observa nos exemplos mencionados é uma combinação rara de percepção da situação e uma correta leitura de possibilidades que poderiam ser implementadas, entre estas a escolha de uma que proporcionasse surpresa ao inimigo, e a perfeita execução, provocando um caos nas linhas inimigas. Estas não souberam o que fazer para deter um avanço ou um ataque. As consequências que se apresentam como as mais normais nessas situações são a eliminação da capacidade de reação inimiga, a quebra das linhas de comando e a “aceitação” da derrota por meio de rendições completas. Por vezes, ocorre o simples abandono da vontade de lutar ou, quando possível, uma retirada para a retaguarda.

Nas guerras e características mencionadas até este momento, o conceito mais amplo foi o de guerra de manobra, ou seja, uma guerra travada por meio de manobras. Mas qual seria o real significado desse termo?

De acordo com o Glossário das Forças Armadas,

seria um estilo de guerra que visa comprometer o Centro de Gravidade do inimigo, por meio de ações rápidas e decisivas que neutralizem ou retardem sua capacidade de observação, orientação, decisão e ação, não lhe permitindo

completar o ciclo decisório. Combina poder de fogo e movimento na proteção das forças, explorando o espaço da área de operações e atuando na vulnerabilidade mais crítica do oponente. A estrutura de comando e controle deve ser descentralizada de forma a permitir aos comandantes, dos diversos escalões, decisões oportunas e controle da operação, o mais próximo possível do tempo real. (BRASIL, 2015, p. 135)

Rodrigues, tendo como referência Lind, acadêmico que se aprofundou no tema ainda nos anos 80 e publicou, em 1985, o livro *Maneuver Warfare Handbook*³⁵ (*Manual de Guerra de Manobra*), afirmou que, em um Teatro de Operações (TO), qualquer tipo de padronização deve ser evitado. Caso o inimigo observe e identifique um padrão de conduta, ele será capaz de se antecipar aos movimentos do seu oponente, fazendo girar seu ciclo de tomada de decisão (Observação – Orientação – Decisão – Ação, ciclo OODA) mais rapidamente. “Isso é exatamente o contrário do que se deseja, ou seja, líderes e planejadores não podem ser ‘engessados’ por procedimentos doutrinários padronizados. Caso sejam, não conseguirão ‘fazer’ uma Guerra de Manobra” (RODRIGUES, 2013, p. 16). Quando se opta por fazer este tipo de manobra no TO, vários conceitos devem ser observados. Considera-se o Centro de Gravidade como o conceito mais importante, pois para ele fluirão todas as ações no terreno, tendo como referência a intenção do comandante, ou seja, a correta compreensão do contexto maior em que as tarefas estarão enquadradas, possibilitando aos subordinados o exer-

35 “Manual de Guerra de Manobras”. Disponível em: <https://www.taylorfrancis.com/books/mono/10.4324/9780429499067/maneuver-warfare-handbook-william-lind>. Acesso em: 6 set. 2023.

cício da iniciativa quando uma situação inesperada ocorrer, sem que seja afetada a unidade de esforço do conjunto (BRASIL, 2015, p. 150).

Além disso, no ciclo OODA sempre serão planejadas tarefas por efeito desejado (TED), quando serão exploradas as vulnerabilidades críticas, evitando-se as superfícies e brechas, tendo o exato entendimento de qual será o foco do esforço e quais ações serão ditadas pelo reconhecimento e pelas armas combinadas (PENHA, 2013, p. 19).

Tendo em mente alguns conceitos e a oportunidade de observar duas guerras travadas neste século, a IIGG no Iraque e a realizada atualmente na Ucrânia, percebemos que em ambas as FA, no TO, implementaram grande velocidade no movimento inicial com um mesmo objetivo político-estratégico, a rendição unilateral do adversário, rendição esta construída a partir da percepção pelo governo de que não seria possível vencer os invasores. Os russos não concretizaram seu objetivo inicial. Todavia, apesar de ter havido inicialmente um relativo sucesso em ambas as guerras, quais diferenças influenciaram seu curso?

Na IIGG, definido o Centro de Gravidade, tudo foi feito para que o objetivo fosse conquistado, mesmo existindo efeitos colaterais indesejados, tais como inúmeros ataques iraquianos à linha

de logística dos comboios militares americanos. Ainda assim, o efeito final desejado foi atingido.

Na Ucrânia, outras ameaças se concretizaram e influenciaram no desenrolar da guerra, tais como profundo conhecimento do ambiente operacional por parte dos ucranianos; ausência de superioridade aérea russa³⁶; uso de drones como o Switchblade³⁷; emprego de mísseis de todos os modelos, tamanhos e poder de fogo por ambos os envolvidos, entre os quais o Javelin³⁸, o Stinger³⁹ e mísseis de cruzeiro antinavio Neptune⁴⁰; uso de artilharia⁴¹ e defesa anti-aérea com grande mobilidade e alcance profundo; e correto entendimento, pelas tropas ucranianas, da intenção do comandante. Estes fatos talvez tenham marcado um novo modelo de fazer guerra, em que inúmeras ameaças se completaram ou entrelaçaram.

O que se observa ao longo desta guerra, a da Ucrânia, é uma sequência de combates contendo um pouco do que ocorreu em guerras anteriores, tais como combates em linhas de trincheiras (na IGM); combates entre blindados e intensos fogos de artilharia (na IIGM); emprego de propaganda, milícias e desinformação (no Vietnã); uso de tecnologia cibernética e eletromagnética (na Geórgia e Crimeia); e, uma novidade, emprego de diversos modelos de aeronaves não tripuladas e novos modelos de mísseis (Ucrânia em 2022).

36 “Por que Putin ainda não dominou o espaço aéreo ucraniano?”. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/ucrania-russia/noticia/2022/03/04/por-que-putin-ainda-nao-dominou-o-espaco-aereo-ucraniano.ghtml>. Acesso em: 6 set. 2023.

37 “Switchblade @ 300 blocos 20”. Disponível em: <https://www.avinc.com/tms/switchblade>. Acesso em: 6 set. 2023.

38 “Missil Javelin, o maior pesadelo dos tanques russos”. Disponível em: <https://meiobit.com/457561/missil-javelin-o-maior-pesadelo-dos-tanques-russos/>. Acesso em: 6 set. 2023.

39 “Fim 92 Stinger”. Disponível em: <https://missiledefenseadvocacy.org/defense-systems/fim-92-stinger/>. Acesso em: 6 set. 2023.

40 “O míssil antinavio R-360 Neptune da Ucrânia”. Disponível em: <https://www.naval.com.br/blog/2022/04/16/o-missil-antinavio-r-360-neptune-da-ucrania/>. Acesso em: 6 set. 2023.

41 “Ucrânia virou ‘trágico laboratório’ para tecnologia de guerra, diz ministro britânico”. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cl5evd89nqwo>. Par 19. Acesso em: 6 set. 2023.

Comparando as guerras realizadas no Iraque pelos americanos e na Ucrânia pelos russos, países que utilizam configuração de FA com diferenças profundas, e fruto das situações e dos ensinamentos observados, é plausível questionar se o modelo nominado como guerra de manobra tem a efetividade esperada quando não se possui o controle sobre novas situações que podem ocorrer no TO? Se sim, caberia questionar se a tendência é pela adoção de um novo modelo de guerra nominado pela Otan como guerra híbrida? Feitas estas perguntas, abordaremos alguns conceitos sobre este modelo para pontuar algumas percepções.

A Guerra Híbrida

Ao longo dos anos, principalmente quando surgem novas tecnologias, as formas de fazer uma guerra se alteraram com o firme propósito de vencer sem combater, ou seja, tornar o cenário nebuloso até que o adversário conclua que é melhor se render porque seria um desperdício tentar empregar seu pessoal e meios. Este tipo de vitória sem perdas seria a glória máxima, de acordo com Sun Tzu (544 a.C. – 496 a.C.), quando este afirma que “a suprema arte da guerra é derrotar o inimigo sem lutar”⁴².

Nações que tenham vivenciado guerras no passado, e como exemplo cito EUA, Rússia e China, quando tiveram enormes perdas de vidas de sua população, naturalmente tentam se antecipar a possíveis conflitos por meio de uma visão político-estratégica, que possibilita um maior

poder de investimento em tecnologias e na área militar para detectar o quanto antes possíveis riscos globais ou ameaças, a fim de terem os meios necessários para dissuadir seus adversários de quaisquer intenções. No entanto, estas mesmas nações perceberam que o modo de provocar ou fazer uma guerra estava se alterando com grande rapidez.

Com o surgimento de novas tecnologias, possibilitando a presença e uso maciço da mídia tradicional ou de elementos conhecedores da técnica midiática, para informar e também desinformar por meio de propaganda, além da realização de sabotagens e do uso de táticas que não estão presentes em manuais militares, combater com meios militares no TO ainda tem sua importância. Todavia as vitórias táticas ou operacionais podem ser recebidas pelo público interno e externo como derrotas estratégicas ou políticas, a partir do momento em que a guerra de informações ganha um novo perfil de entendimento por conta da velocidade, da escala e da intensidade com que as informações são transmitidas, em virtude da rápida mudança tecnológica e pela interconectividade global (OTAN, 2023, par.1)⁴³.

O campo de batalha mais importante, certamente, passaria do terreno para as telas de computadores ou de telefones celulares e televisores, a fim de possibilitar a construção ou modificação da percepção nas mentes e corações de uma população-alvo. Sobre este tipo de guerra, Lind, em seu artigo⁴⁴ publicado na *Military Review* em 1989, não firmou uma definição, mas fez um questionamento: “Estariamos

42 “As 15 frases mais marcantes do livro *A Arte da Guerra* por Sun Tzu”. Disponível em: <https://www.bienaldolivrojf.com.br/as-15-frases-mais-marcantes-do-livro-a-arte-da-guerra-por-sun-tzu/>. Par 2.

43 “Combater ameaças híbridas”. Disponível em: https://www.nato.int/cps/en/natohq/topics_156338.htm.

44 Em tradução livre: “A face mutável da guerra: na quarta geração”. Disponível em: <https://ia802503.us.archive.org/6/items/the-fourth-generation-warfare/The%20Changing%20Face%20of%20War%20-%20Into%20the%20Fourth%20Generation.pdf>. Acesso em: 6 set. 2023.

vivenciando uma guerra de quarta geração e, se assim fosse, como nominá-la e defini-la?” (LIND, 1989, p. 22).

Alguns autores e organizações, inclusive a Otan e a União Europeia (UE), estão produzindo documentos, normas e artigos sobre esse tema, nominando-a como guerra híbrida, partindo da existência de ameaças híbridas, as quais teriam como característica:

minar ou prejudicar um alvo, influenciando a sua tomada de decisão a nível local, regional, estatal ou institucional. Tais ações são coordenadas e sincronizadas e visam deliberadamente às vulnerabilidades dos Estados democráticos e das instituições. As atividades podem ocorrer, por exemplo, nos domínios político, econômico, militar, civil ou da informação. Eles são conduzidos usando uma ampla variedade de meios e projetados para permanecer abaixo do limite de detecção e atribuição. (HYBRID COE, 2023, par. 1)⁴⁵

Para combater essas supostas ameaças, foi criado em 2017, pela Otan e UE, o Centro Europeu de Excelência para Combater Ameaças Híbridas (Hybrid CoE)⁴⁶, organização internacional autônoma e baseada em rede que tem como principal tarefa

desenvolver as capacidades dos Estados participantes para prevenir e combater ameaças híbridas. Isto é conseguido através da partilha de melhores práticas, do fornecimento de recomendações, bem como do teste de

novas ideias e abordagens. O Centro também desenvolve as capacidades operacionais dos Estados participantes através da formação de profissionais e da organização de exercícios práticos. (HYBRID COE, 2023, par. 6)

No entanto, mirando apenas sua etimologia, o nome “híbrido” não me parece refletir exatamente o que está ocorrendo e o que se deseja definir para uma nova forma de fazer guerra. Híbrido, de acordo com o *Dicionário online de português*⁴⁷ e no meu entendimento, seria como obter algo ou alguma coisa pela mistura de dois ou mais produtos com características diferentes.

Em uma guerra, entendida como sendo a “continuação da política por outros meios”⁴⁸, segundo Clausewitz, as ações políticas, estratégicas, militares, informacionais, psicossociais e econômicas, entre outras, não são necessariamente misturadas para se obterem ganhos político-militares. Elas podem ter atuação isolada e se misturar, mas também podem se complementar, atuando nos domínios (ar, mar, terra e espacial) de forma isolada ou não. Todavia, independente dos produtos iniciais integrantes dessa complexa equação dentro de uma guerra e, apesar de serem diferentes quanto ao domínio de atuação, o que se almeja no final sempre será uma vitória, ou seja, algo permanente, diferente do que se deseja quando se misturam produtos híbridos.

Aparentemente, me parece que o nome “foi aceito” pela necessidade de se batizar algo que se mostrava novo no cenário das guerras, como se fosse uma marca, um

45 “Ameaças Híbridas”. Disponível em: <https://www.hybridcoe.fi/hybrid-threats-as-a-phenomenon/>. Acesso em: 6 set. 2023.

46 “CoE híbrido”. Disponível em: <https://www.hybridcoe.fi/>. Acesso em: 6 set. 2023.

47 *Dicionário online de português*. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/hibrido/>. Acesso em: 6 set. 2023.

48 “O conceito de Guerra de Clausewitz”. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/guerras/o-conceito-guerra-clausewitz.htm>. Acesso em: 6 set. 2023.

nome da moda, a fim de se vender um produto. Reforço ainda este argumento pelo que foi mencionado pela própria Otan⁴⁹, ao pontuar que “algumas formas de atuação, nominadas atualmente como híbridas, sempre estiveram presentes em conflitos no passado, com o claro objetivo de provocar nos adversários caos e instabilidade político-estratégica” (OTAN, 2023, par. 1). O que teria então mudado? A transmissão de informações por conta da velocidade, da escala e da intensidade com que são transmitidas. Neste diapasão, até mesmo a nominada guerra de manobra, em verdade, poderia ser chamada de batalha de manobras, na qual quem faz o ciclo OODA girar mais rápido vence.

Assim, tentando responder a Lind, após quase 30 anos, acerca do seu questionamento se estaríamos vivenciando uma guerra de quarta geração e, se assim fosse, como nominá-la, tenho a percepção de que o nome guerra híbrida não se adequa ao que estamos vivenciando. Na minha percepção, diante dos riscos e das ameaças que se consolidaram ao longo desses anos, as batalhas atuais estão acontecendo por dimensões e dentro de diferentes domínios, ou seja, por meio de uma guerra dimensional.

A GUERRA DIMENSIONAL

A cultura estratégica do Brasil tem origem em práticas e experiências absor-

vidas em períodos de guerra, tais como a participação brasileira na IIGM (1945); em intervenções no exterior, como as realizadas na crise da República Dominicana, em 1965⁵⁰ (Marson, 2021), em Angola, em 1995⁵¹, e no Haiti, em 2004⁵²; e em intervenções internas, decorrentes de insegurança pública ou grandes eventos, ou em situações de desastres ambientais ou naturais⁵³. Esses aprendizados, somados às observações obtidas sobre o ocorrido no Vietnã, nas IGG e IIGG (no Iraque), na Estônia, na Geórgia, na Crimeia e na Ucrânia, nos mostram que, em diferentes momentos históricos, para dissuadir um possível adversário, já não bastaria apenas deslocar uma quantidade imensa de forças estatais, terrestres ou navais para uma determinada região, a fim de combater forças não estatais.

Outros fatores estão presentes, tais como a existência de atores não militares, sejam estes guerrilheiros, grupos terroristas ou nacionalistas; o desenvolvimento e a exploração permanente da internet como meio de disseminação de informação e desinformação; e a presença maciça da mídia no teatro de operações, possibilitando que imagens e vídeos dos eventos em andamento sejam disseminados de maneira quase instantânea, fazendo com que a população, antes distante do cenário em guerra, possa acompanhar e desenvolver suas próprias convicções sobre o conflito, tendo um propósito desejado: influenciar mentes e corações.

49 “Combater ameaças híbridas”. Disponível em: https://www.nato.int/cps/en/natohq/topics_156338.htm. Acesso em: 7 set. 2023.

50 “A participação brasileira na crise da República Dominicana: da intervenção norte-americana à saída de tropas da OEA”. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/101/101131/tde-31032022-163103/publico/Ana_Carolina_Araujo_Marson_VCorrigida.pdf. Acesso em: 7 set. 2023.

51 “Missão de Verificação das Nações Unidas Angola IIP”. Disponível em: https://peacekeeping.un.org/mission/past/unavem_p.htm. Acesso em: 7 set. 2023.

52 “Missão de Estabilização das Nações Unidas no Haiti”. Disponível em; <https://peacekeeping.un.org/mission/past/minustah/>. Acesso em: 7 set. 2023.

53 “Lista de conflitos envolvendo o Brasil”. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_conflitos_envolvendo_o_Brasil. Acesso em: 7 set. 2023.

Antes de um atrito permanente entre forças opostas, por meio de combates com elevada letalidade, provocando enormes perdas de combatentes e de meios, fatos comuns em conflitos anteriores, tornou-se necessário desenvolver capacidades que proporcionem benefícios aos contendores e entendeu-se que estes seriam alcançados quando o domínio das informações antes, durante e, se possível, depois de um conflito, fosse atingido. Passou a ser fundamental saber o que divulgar aos meios de comunicação, sendo estes as mídias tradicionais ou as redes sociais surgidas no século XXI.

Além desse tema, em um planejamento a longo prazo, percebe-se que alguns elementos são identificados como importantes, atendem a um conjunto permanente de objetivos nacionais e poderiam ser reunidos. Assim surgiram as dimensões, ou seja, áreas de grande importância que podem ser analisadas globalmente, regionalmente e nacionalmente, as quais foram agrupadas em econômica, psicossocial, ambiental, tecnológica, informacional, política e militar.

Elas poderiam atuar em um ou mais domínios (ar, mar, terra e espacial), de maneira isolada, em conjunto ou se complementando. Dentro dessas dimensões, e independente do domínio, estariam compreendidos os tipos de batalhas que poderiam ocorrer quando se utilizam meios estatais ou não estatais.

Poderíamos pontuar, na dimensão econômica, as sanções normalmente realizadas por ocasião de um conflito; na dimensão psicossocial, as propagandas, desinformações e operações psicológicas; na dimensão tecnológica, o investimento no desenvolvimento de novas armas e equipamentos, tais como drones e mísseis de diferentes características; na dimensão informacional, os ataques ou

a defesa cibernética ou eletromagnética; na dimensão política, a busca pela união de aliados ou simpatizantes, assim como a tentativa de afastar ou isolar inimigos por meio de ações diplomáticas em organismos internacionais; e na dimensão militar, as batalhas de manobras, de atrito, de combate de drones, de mísseis para ataque e defesa, de artilharia e defesa aérea com alta mobilidade e poder de fogo, de blindados, de tropas vocacionadas para operações especiais, de meios de defesa cibernética e eletromagnética e de tropas de infantaria leve e altamente equipada.

Com este entendimento, a partir do início do século XXI, empregar um determinado modelo de guerra em uma situação crítica seria consequência da probabilidade de ocorrência de algum risco global ou alguma ameaça que tenha sido concretizada por meio de ações reais. As batalhas convencionais, no campo da dimensão militar, de atrito ou de manobra, continuariam acontecendo, todavia antes, em paralelo ou se complementando, poderiam ocorrer outros tipos de batalhas dentro de outras dimensões, independente dos domínios.

Por exemplo, na Estônia, inicialmente, aconteceram batalhas em paralelo nas dimensões tecnológica e informacional. Logo em seguida, foram realizadas nas dimensões psicossocial e política, e estas se complementavam. Na Ucrânia, em 2014, batalhas também tiveram início pelas dimensões tecnológica e informacional, seguindo-se outras nas dimensões psicossocial, econômica, política e, finalmente, na dimensão militar, por meio da efetiva ocupação da Crimeia.

O conflito ora sendo travado novamente na Ucrânia serve como um excelente estudo de caso, pois desde o seu início, em fevereiro de 2022, ele nos mostrou diversos tipos de batalhas dentro dos mais

diversos domínios e dimensões. Percebeu-se no início uma batalha na dimensão informacional com o claro propósito de desinformar sobre as reais intenções da Rússia. Em seguida, a batalha passou para a dimensão militar, por meio de intensas manobras, que duraram do seu início até meados de outubro de 2022.

Após uma pausa operacional, ou seja, uma “interrupção temporária das operações, com o alcance de efeitos táticos ou operacionais desejados, mas antes que seja atingido o próprio ponto crítico, para regenerar o poder combatente em preparação a uma ofensiva de caráter decisivo” (BRASIL, 2015, p. 203), houve um grande recuo de tropas russas, e mantiveram-se batalhas na dimensão militar, por meio de atritos no sul-sudeste da Ucrânia, inclusive com combates de trincheiras, característica presente na IGM, além de combates de drones, mísseis, blindados, artilharia, defesa aérea, operações especiais e operações especializadas, por meio de tropas de infantaria.

A partir de 2023, permanecem as batalhas nas dimensões militar, informacional, psicossocial, econômica e política, todas de maneira simultânea, todavia, independente da batalha que esteja sendo travada, normalmente vencerá o lado que melhor observa, se orienta, decide e toma rápidas decisões, ou seja, emprega corretamente o modelo apresentado por Boyd (1927-1997) – Observar, Orientar-se, Decidir e Agir (OODA).

Desta forma, sem um grande aprofundamento no tema, observa-se que, nas guerras que tiveram início a partir dos anos 2000, aconteceram diferentes tipos de batalha, e nas mais diversas dimensões e domínios. Em função do exposto e dos argumentos apresentados, decidi nominar este modelo como sendo guerra dimensional, a qual defini como uma guerra travada por dimensões, em um ou mais domínios, usando-se meios estatais e não estatais a fim de submeter o inimigo a uma derrota não militar ou militar, se necessário.

Diante a proposta de uma definição sobre guerra dimensional, restaria refletir a qual eixo de preparo forças militares devem estar atentas para as batalhas de hoje e as que certamente ocorrerão no futuro.

A Guerra Dimensional é travada por dimensões, em um ou mais domínios, com meios estatais e não estatais, submetendo o inimigo à derrota

UM CAMINHAR DE VOLTA ÀS ORIGENS

Em virtude da percepção de que a partir da IIGM as guerras seriam travadas por meio de guerra de manobra, quando as batalhas terrestres ocorreriam com grande velocidade, poder de fogo, versatilidade, flexibilidade e apoio aéreo, Forças Armadas⁵⁴ de diferentes países destinaram investimentos para a construção de forças com grandes estruturas. Após o ataque terrorista em setembro de 2001 contra os EUA, poucos dias depois, um pequeno grupo de forças especiais deste país entrou no Afeganistão a fim de localizar, combater e eliminar os integrantes do grupo Al

54 “Classificação de Força Militar de 2023”. Disponível em: <https://www.globalfirepower.com/countries-listing.php>.

Qaeda, responsável pelo ataque. Naquele momento da História Militar, a “Guerra ao Terror”⁵⁵ foi estabelecida como uma espécie de parâmetro mundial. Para esta guerra não convencional, de um Estado contra um grupo terrorista, o investimento aparenta ter sido redirecionado para a especialização de tropas no terreno, atuando com pequenas equipes com apoio a partir do ar, tais como drones.

A partir dos eventos de 2007, na Estônia, e 2014, na Crimeia, a percepção mudou. Seria necessário o investimento em equipamentos e armamentos mais sofisticados e maior especialização dos militares para lutar em outras batalhas antes dos combates no terreno propriamente dito. No entanto, quando observamos a guerra travada na Ucrânia, não podemos escurecer os olhos diante dos tipos de combate que estão ocorrendo e as lições aprendidas⁵⁶.

Estamos assistindo, dentro apenas da dimensão militar, a uma mescla entre guerra de manobra e de atrito, com diversos tipos de batalha: de mísseis, defesa aérea, artilharia, blindados, engenharia, infantaria móvel no terreno e trincheiras, esta similar à que ocorreu intensamente na IGM. Também estamos assistindo a ataques e mortes de militares integrantes do alto escalão russo ao usarem telefones celulares⁵⁷, ou após postagens⁵⁸ na internet sobre suas rotinas, algo ainda não imaginado em conflitos do passado.

Após essas constatações, ao leitor que chegou até este ponto, provoco reflexões: se você integrou forças navais em exercícios ou missões reais, na defesa do Brasil ou em projeção do país no exterior, tente lembrar qual foi a última vez em que permaneceu embarcado por mais de um mês, integrando um conjugado anfíbio, navegando e sempre pronto para atuar em qualquer situação no país ou no exterior; ou, para você que um dia integrou ou ainda pertença a tropas com atuação terrestre, tente recordar quando recebeu uma simples pá durante um treinamento e, independente do ambiente geográfico operacional, preparou sua “toca, um espaldão ou uma trincheira”, ou seja, um local seguro para proteger-se de tiros diretos ou de artilharia. Da mesma forma, tente rememorar quando foi a última vez que passou mais de dez dias se alimentando apenas de “ração operacional”⁵⁹ e tendo escassez de água a tal ponto que, obrigatoriamente, necessitou regular seu consumo. Busque também na sua memória quando foi a última ocasião em que precisou fazer uso de bússola e carta topográfica (que não podem ser hackeadas) para orientar-se, pois não havia um equipamento GPS à disposição.

Em virtude de mortes na Ucrânia por uso indevido de telefone celular, reflita uma última vez: tente lembrar quando recebeu ordem para não usar o telefone

55 “11/09: a ‘Guerra ao Terror’ e as consequências para o mundo”. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/11-de-setembro-a-guerra-ao-terror-e-as-consequ%C3%Aancias-para-o-mundo/a-59137716>. Acesso em: 7 set. 2023.

56 “Ucrânia virou ‘trágico laboratório’ para tecnologia de guerra, diz ministro britânico”. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cl5evd89nqwo>. Acesso em: 7 set. 2023.

57 “Guerra na Ucrânia: o papel de celulares na morte de dezenas de soldados russos”. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-64162285>. Acesso em: 7 set. 2023.

58 “Guerra na Ucrânia: o ex-comandante da Marinha russa morto a tiros enquanto corria no parque”. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cv2rl8q9dro>. Acesso em: 7 set. 2023.

59 “Quantidade de alimento capaz de prover o sustento de um homem, durante um determinado período de tempo, quando não for possível ou conveniente alimentá-lo com a ração normal” (BRASIL, 2015). Acesso em: 7 set. 2023.

celular durante uma operação e a cumpriu em todos os momentos em que esteve executando a missão. Reflita e se pergunte: maior atenção, no que diz respeito às reflexões propostas, poderia fazer diferença quando assistimos a imagens ou vídeos oriundos da guerra na Ucrânia?

As situações mencionadas, dentro de uma infinidade, a meu ver, apontam para algumas outras reflexões, dentre as quais duas despontam. A busca por especialização sempre será importante, diria até fundamental. Todavia existiriam alguns elementos inerentes ao preparo individual e técnico de cada militar e de pequenos grupos que não podem ser olvidados e que estarão presentes em todas as batalhas convencionais na dimensão militar? Nos mais diversos domínios (ar, mar, terra e espacial), para qual caminho deve ser direcionado o eixo estruturante do preparo das tropas em uma guerra dimensional?

Tentando apresentar possíveis respostas, em relação à estrutura de defesa ou projeção de poder, entendo que o caminho talvez aponte para uma reorganização de forças operativas de pronto emprego em pequenas frações. Suponho que as formações para grandes desembarques estejam ultrapassadas, e o caminho aponta para configuração de atuação em pequenos grupos, tendo seus integrantes ampla especialização técnica, mobilidade, poder de fogo, flexibilidade de emprego e dispersão. A projeção de poder em terra, nesta concepção, seria realizada por meio de ações a partir de lanchas de combates que poderiam ser orgânicos do Comando da Força de Fuzileiros da Esquadra (ComFFE) ou integrar um componente

especial dentro do Comando em Chefe da Esquadra (ComemCh), ficando à disposição para emprego operacional.

Em relação à Marinha do Brasil (MB), com o firme objetivo de unir esforços entre o ComemCh e o ComFFE, considera-se a possibilidade de manter tropas permanentemente embarcadas em meios navais, a fim de cumprir tarefas de emprego expedicionário com tarefas multipropósito, quando e onde for necessário, por meio de um agrupamento, o qual nominaria como Força de Projeção Marítima Expedicionária (FPME) do Brasil. Tendo as condições apropriadas, este conjugado anfíbio permaneceria navegando por pelo menos dois meses, realizando exercícios ou cumprindo tarefas reais de patrulha, negação de uso do mar e presença no entorno das ilhas oceânicas ou dos terminais de exploração do petróleo e realizando exercícios em portos e outros que se façam necessários, previstos ou inopinados, garantindo capacidade real de pronto emprego e presença da Marinha do Brasil na Amazônia Azul⁶⁰. Após dois meses, ocorreria um revezamento entre tropas e meios navais (DA SILVA, 2023, p. 136).

Para reforçar esta percepção, os EUA estariam desenvolvendo o conceito de Littoral Operations in Contested Environments⁶¹(LOCE), o qual antevê o aproveitamento integrado das capacidades da Marinha (USN) e do United States Marine Corps (USMC) para superar ameaças emergentes em áreas litorâneas que estão se expandindo rapidamente em profundidade operacional, complexidade e letalidade. Tal conceito baseia-se na ênfase de que o controle do mar deverá ser realizado

60 “Região que compreende a superfície do mar, águas sobrejacentes ao leito do mar, solo e subsolo marinhos contidos na extensão atlântica que se projeta a partir do litoral até o limite da plataforma continental brasileira” (BRASIL, 2015, p. 26). Acesso em: 8 set. 2023.

61 Operações em Litorais com Ambiente Contestado (tradução livre do autor). Acesso em: 8 set. 2023.

por meio do emprego conjunto de recursos do USMC baseado no mar e em terra. No Force Design (FD) 2030 Annual Update May 2022⁶², o ex-comandante do USMC, General David H. Berger, desenvolveu o conceito de Forças Stand-In⁶³ (SIF), as quais seriam pequenas forças com alta letalidade e projetadas para operar em todo o mundo dentro de uma área contestada como a vanguarda de uma defesa marítima em profundidade. Elas operariam com baixa assinatura, com grande mobilidade e de forma relativamente simples de se manter e sustentar. Dependendo da situação, essas forças são compostas por elementos do USMC, da USN, da Guarda Costeira, das forças de operações especiais, de interações e de aliados e parceiros (BERGER *apud* DA SILVA, 2023, p. 134).

Da mesma maneira, olhando o futuro, o Reino Unido desenvolveu o conceito de Littoral Response Group⁶⁴ (LRG), o qual envolve o embarque de apenas uma companhia de fuzileiros navais, com cerca de 200 militares em navios anfíbios, além de elementos de apoios ao combate, tais como Guias Aéreos Avançados (JTAC), pessoal da área de comunicações e armamentos pesados. Navios menores e com características muito especiais teriam mais flexibilidade e mobilidade, todavia sem perder sua capacidade de poder de fogo (DA SILVA, 2023, p. 135).

Em setembro de 2020, exercendo o cargo de comandante da Tropa de Desembarque (ComTrDbq), unidade subordinada ao ComFFE, o autor teve a oportunidade de planejar e comandar por dois meses, a partir de 1º de outubro, uma Força de

Desembarque (ForDbq), constituída por tropas anfíbias embarcadas em navios da MB, pronta para projetar o Poder Naval em três regiões federativas, Sudeste, Nordeste e Norte. A previsão, somente na ida, era navegar 2.212 milhas, durante 35 dias, cumprir tarefas na foz do Rio Amazonas e atracar para reabastecimento. Todavia, durante a travessia, várias outras situações inopinadas ocorreram, inclusive com emprego da tropa. Por ter sido uma missão inusitada para boa parte dos militares fuzileiros navais, pois fazia alguns anos que uma grande quantidade não embarcava por tanto tempo em meios navais, houve a necessidade de todos trabalharem muito bem o estado emocional, mantendo o preparo físico e uma continuada excelência operacional (DA SILVA, 2023, p. 136).

A tropa foi distribuída em três navios, atendendo a particularidades de cada meio, tendo os comandantes de tropa em cada navio conhecimento da intenção do comandante, mas com total independência nas ações. A configuração adotada, por uma feliz coincidência, muito se assemelhou ao imaginado para os Reais Fuzileiros Navais e para os Fuzileiros americanos, ou seja, forças pequenas que proporcionariam uma desejada e necessária flexibilidade e versatilidade, possibilitando uma enorme capacidade de emprego. Entretanto tivemos muita dificuldade na logística, que estava distribuída entre os três navios, dificultando sobremaneira as manobras de apoio. Assim, visualizo como possibilidade a aquisição ou o uso de um dos meios navais da Armada já existentes como navio de apoio logísti-

62 “Atualização Anual do Projeto de Força/ 2030, publicado em maio de 2022. Acesso em: 8 set. 2023.

63 Conceito de Forças Stand-In. Disponível em: https://www.hqmc.marines.mil/Portals/142/Users/183/35/4535/211201_A%20Concept%20for%20Stand-In%20Forces.pdf?ver=MFOzu2hs_IWHZlsOAKfZsQ%3d%3d. Acesso em: 8 set. 2023.

64 Grupo de Resposta de Litoral. Disponível em: <https://www.navylookout.com/understanding-the-royal-navy-littoral-response-group-concept/>. Acesso em: 8 set. 2023.

co anfíbio, específico para concentrar os meios logísticos do ComFFE.

Conduzindo nossas reflexões para tropas que projetam forças em terra, especificamente no que diz respeito à infantaria, visualizo que seus integrantes necessitam de uma melhor e maior seleção de cada militar desta especialidade. Além de estarem bem-preparados fisicamente e psicologicamente, devem ser especializados a um nível extenuante de conhecimento técnico, semelhante a tropas de operações especiais, reservando apenas o “especial dentro do especial” para as tropas de Operações Especiais – os Comandos Anfíbios⁶⁵

e os Mergulhadores de Combate⁶⁶. Esse preparo aponta para maior e melhor especialização nos mais diversos campos do conhecimento, principalmente quanto ao uso de tecnologias facilita-

doras que surgiram ou foram aperfeiçoadas no início do século XXI – GPS, *tablet* e *notebooks*, entre outras, sem deixar de atentar para preparos básicos já apontados anteriormente, tais como saber usar bússola, cartas e rádios e preparar sistemas de defesa individual e de equipe, já citados – tocas, espaldões e trincheiras.

Os veículos de transporte de tropa utilizados pela infantaria devem ter poder de fogo, meios furtivos que evitem ataques diretos, grande mobilidade, equipamentos que possibilitem comando e controle e

blindagem para evitar danos por ocasião da detonação inopinada de minas e que proteja a tropa quanto a tiros diretos.

No que diz respeito a emprego maciço da artilharia e defesa antiaérea, uma das grandes lições da guerra na Ucrânia, as observações apontam para a necessidade de desenvolver ou adquirir meios com alcance profundo, grande poder de fogo, precisão e elevada mobilidade. Isto pode ser alcançado por meio do desenvolvimento de produtos próprios, da Base Industrial de Defesa do Brasil ou pela aquisição de países que estão no estado da arte.

Para evitar um número maior em perdas de pessoal, a guerra na Ucrânia nos ensina que houve uma “ascensão dos sistemas remotamente pilotados e seu emprego na Guerra Rússia-Ucrânia em 2022”⁶⁷, e equipar uma força com diferentes

tipos de aeronaves não tripuladas também proporciona ganhos inimagináveis. Drones de diferentes tamanhos e modelos, tais como os de vigilância, ataques e kamikazes, proporcionaram a ambos os países antagonistas enormes vantagens ao longo da guerra que ainda está em curso. Com o emprego da artilharia e as necessárias correções de tiros que eram realizados por observadores militares, fisicamente presentes além da linha de frente, evitaram-se essas possíveis perdas. Durante esta guerra, drones eliminaram tropas

A guerra na Ucrânia nos ensina que houve incremento no emprego de sistemas remotamente pilotados

65 “Batalhão de Operações Especiais de Fuzileiros Navais”. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Batalh%C3%A3o_de_Opera%C3%A7%C3%B5es_Especiais_de_Fuzileiros_Navais. Acesso em: 8 set. 2023.

66 “Grupamento de Mergulhadores de Combate”. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Grupamento_de_Mergulhadores_de_Combate. Acesso em: 8 set. 2023.

67 “A ascensão dos sistemas remotamente pilotados e seu emprego na Guerra Rússia-Ucrânia em 2022”. Disponível em: <http://ebrevistas.eb.mil.br/REB/article/view/11746/9399>. Acesso em: 8 set. 2023.

em trincheiras, destruíram blindados e afundaram navios, tais como o cruzador russo *Moskva*,⁶⁸ da classe *Slava*, o navio mais poderoso da Rússia no Mar Negro. Desta forma, há que se identificar, selecionar e especializar militares para compor destacamentos que integrem essa área e fomentar a criação e o desenvolvimento de uma organização dedicada exclusivamente a este tipo de batalha.

No que diz respeito à dimensão informacional, e as batalhas que nela ocorrem, cibernéticas e eletromagnéticas, são necessárias contramedidas de segurança. Assim, há que ser desenvolvida ou potencializada a capacidade de proteger as comunicações de ataques, por meio do desenvolvimento de unidades especializadas e que mantenham um perfeito alinhamento técnico com o Comando de Defesa Cibernética (ComDCiber)⁶⁹ e com a Escola Nacional de Defesa Cibernética (ENaDCiber)⁷⁰, a fim de desenvolver segurança cibernética e defesa cibernética na abrangência da Segurança da Informação em âmbito nacional (BRASIL, 2023, p. 13).

Na dimensão política, é importante garantir e preservar a segurança das organizações diplomáticas ao redor do mundo em virtude dos riscos envolvidos. Não obstante o Brasil ter relação pacífica com todos os países no mundo, algumas instalações estão presentes em regiões com elevada probabilidade de ocorrer crises. Neste diapasão, o Corpo de Fuzileiros Navais (CFN), à semelhança com o Corpo de Fuzileiros Navais dos EUA, por ter caráter expedicionário, ser de pronto emprego e

anfíbio, ou seja, uma tropa com múltiplas especialidades, entende-se que ele, o CFN, poderia se preparar para compor grupos de segurança nas mais diversas embaixadas, com presença de adidâncias da Marinha do Brasil no exterior e em outras, caso seja solicitado pelo Ministério das Relações Exteriores, a fim de garantir a inviolabilidade das instalações e a segurança do corpo diplomático.

Em virtude do apontado, e atento aos treinamentos que eram realizados antes do início do século XXI, não obstante a necessidade de desenvolver ou adquirir meios modernos e fazer uso de novas tecnologias facilitadoras, entende-se que não se pode potencializar o uso destes sem atentar para o elemento mais importante do processo: o militar na linha de frente. A formação e o preparo de um combatente devem também ser direcionados para situações que aconteceram em batalhas do passado, que se repetem neste momento e que, certamente, ocorrerão ao longo de batalhas no futuro, ou seja, faz-se necessária a reflexão sobre como preparar um combatente para as batalhas da guerra dimensional e, a partir dos apontamentos, imaginar como seria realizar um caminhar de volta às origens sem deixar de olhar para o futuro.

CONCLUSÃO

As guerras são experiências não desejáveis, todavia únicas. Nelas ocorrem revoluções militares e revoluções nos assuntos militares, quando são testados novos pro-

68 “Lições de mísseis antinavio do naufrágio do *Moskva*”. Disponível em: <https://www.naval.com.br/blog/2022/05/04/licoes-de-misseis-antinavio-do-naufragio-do-moskva/#:~:text=O%20ataque%20com%20m%C3%ADsseis%20ucranianos,com%20ogivas%20de%20150%20kg>.

69 “Comando de Defesa Cibernética”. Disponível em: <http://www.dct.eb.mil.br/>. Acesso em: 8 set. 2023.

70 “Escola Nacional de Defesa Cibernética (ENaDCiber)”. Disponível em: http://www.sgex.eb.mil.br/sg8/001_estatuto_regulamentos_regimentos/02_regulamentos/port_n_396_cmdo_eb_21mar2019.html. Acesso em: 8 set. 2023.

duto que podem mudar completamente a História. Elas, as guerras, se convertem em um caldeirão de conhecimentos que, necessariamente, devem ser identificados e estudados para que os acertos sejam potencializados e os erros evitados.

Estamos presenciando uma guerra dimensional, na qual ocorrem batalhas em diferentes domínios e nas dimensões econômica, psicossocial, ambiental, tecnológica, informacional, política e militar. Esta situação tende a se tornar um permanente desafio para os planejadores de alto nível em diversos países que frequentemente participam de conflitos.

Cabe a cada país ou organismo internacional criar estratégias, tais como participar de permanentes operações conjuntas para aperfeiçoar procedimentos, identificar vulnerabilidades críticas e reforçar a sua própria segurança, a fim de atenuar possíveis fragilidades.

Há o entendimento sobre a necessidade de uma compreensão precoce da consciência situacional, a fim de possibilitar melhor preparo e capacidade de dissuadir

e defender-se por meio de uma rápida resposta. Centros de excelência foram criados na Europa com este propósito, a partir dos quais são realizadas coletas de informações, avaliações e compartilhamento de informações, e estes podem ser criados no país.

Por fim, a guerra dimensional exigirá um amplo preparo de qualquer força militar profissional para as batalhas que já estão em prática e as que ainda estão por acontecer. Quando se observa o ocorrido na atual guerra na Ucrânia, está claro que são necessários, sem qualquer dúvida, armamentos e equipamentos no estado da arte. Além disso, necessita-se também de militares cada vez mais preparados, todavia entende-se que maior especialização não significa um descuido com o preparo individual de cada indivíduo, de cada grupo de combate, em relação à resistência física e aos cuidados clínico e psicológico, a fim de enfrentar as fricções existentes em qualquer batalha. Para isso, com humildade, percebo que há a necessidade de um caminhar de volta às origens.

📁 CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:

<ARTES MILITARES>; Doutrina; Estratégia; Manobras; Tática;

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BORÇA JUNIOR, G. R.; TORRES FILHO, E. T. (2008). “Analisando a crise do *subprime*”. Disponível em: https://web.bndes.gov.br/bib/jspui/bitstream/1408/8344/1/RB%2030%20Analisando%20a%20Crise%20do%20Subprime_P_BD.pdf.
- DA SILVA, A. L. A (2023). “Rastros da Guerra – Estariam os Assaltos Anfíbios de Grandes Proporções Ultrapassados?” *Revista Marítima Brasileira*, v. 143, n. 04/06, abril/junho 2023. Rio de Janeiro. RJ. Brasil, pp. 124-138.
- DEFESA. Ministério da Defesa. (2017). Cenário de Defesa 2020-2039 – Sumário Executivo. Brasília. Disponível em: https://www.gov.br/defesa/pt-br/assuntos/copy_of_estado-e-defesa/revista_cenario_de_defesa.pdf. Acesso em: 23 set. 2023.

- DEFESA. Ministério da Defesa. (2023). MD31-M-07. Doutrina Militar de Defesa Cibernética. Disponível em: <https://www.gov.br/defesa/pt-br/assuntos/estado-maior-conjunto-das-forcas-armadas/doutrina-militar/publicacoes-1/publicacoes/MD31M07DoutrinaMilitarDeDefesaCiberntica2Edio2023.pdf>.
- DEFESA. Ministério da Defesa. (2015). MD35-G-01 – Glossário das Forças Armadas. 5ª ed. Brasília: Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas.
- DERLETH, J. (2021). “A Guerra de Nova Geração Russa”. *Military Review*. Disponível em: <https://www.armyupress.army.mil/Portals/7/military-review/Archives/Portuguese/Online%20Exclusives/Derleth-a-guerra-de-nova-geracao-russa-POR-OLE-Jan-2021.pdf>.
- FERNANDES, R. (2023). “As 15 Frases Mais Marcantes do Livro A Arte da Guerra por Sun Tzu”. Disponível em: <https://www.bienaldolivrojf.com.br/as-15-frases-mais-marcantes-do-livro-a-arte-da-guerra-por-sun-tzu/>.
- HELLER, C. (2010). “Notas Sobre as Relações entre a Quebra da Bolsa em 1929 e a Grande Depressão”. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/215798836_Notas_Sobre_as_Relacoes_entre_a_Quebra_da_Bolsa_em_1929_e_a_Grande_Depressao.
- JORNADA, F. F. D. (2018). “O jogo estratégico nuclear: Índia x Paquistão”. Disponível em: <https://bdex.eb.mil.br/jspui/bitstream/123456789/3742/1/MO%205916%20-%20JORNADA.pdf>.
- KOFMAN, M.; MIGACHEVA, K.; NICHIPORUK, B.; RADIN, A.; OBERHOLTZER, J. (2017). *Lições das operações da Rússia na Crimeia e no Leste da Ucrânia*. Corporação Rand.
- LIND, William S. *et al.* (1989). “The changing face of war: into the fourth generation”. *Marine Corps Gazette*, v. 85, n. 11, pp. 65-68, 2001.
- MARSON, A. C. D. A. (2021). “A participação brasileira na crise da República Dominicana: da intervenção norte-americana à saída de tropas da OEA” (Doctoral dissertation, Universidade de São Paulo). Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/101/101131/tde-31032022-163103/publico/Ana_Carolina_Araujo_Marson_VCorrigida.pdf.
- OTAN. (2023). “Combater ameaças híbridas”. Disponível em: https://www.nato.int/cps/en/natohq/topics_156338.htm.
- PENHA, O.C. (2010). “A teoria da Guerra de Manobra”. *Âncoras e Fuzis*, (41), 21-24. Disponível em: <https://www.portaldeperiodicos.marinha.mil.br/index.php/ancorasefuzis/article/view/4696/4595>.
- PIMENTEL, L. P. G. (2013). *O estudo da teoria da guerra de quarta geração na segunda Guerra do Golfo* (2003).
- RODRIGUES, F.S. (2021). “Anexação da Crimeia e a Crise da Ucrânia sob a perspectiva político-estratégica da Rússia”. Centro de Estudos Estratégicos do Exército: Análise Estratégica, 19(1), 33-49. Disponível em: <http://www.ebrevistas.eb.mil.br/CEEEExAE/article/view/7731/6700>.
- RODRIGUES, J. E.O. (2013). “É preciso ‘fazer’ Guerra de Manobra”. *Âncoras e Fuzis*, (44), 16-17. Disponível em: <https://www.portaldeperiodicos.marinha.mil.br/index.php/ancorasefuzis/article/view/4218/4131>.
- TELO, A. J. (2002). “Reflexões sobre a revolução militar em curso”. *Nação e Defesa*. Disponível em: https://comun.rcaap.pt/bitstream/10400.26/1275/1/NeD103_AntonioJoseTelo.pdf.
- WEF. (2023). Relatório de Riscos Globais 2023. World Economic Forum. Disponível em: <https://www.weforum.org/publications/global-risks-report-2023/>.